

# NAS TEIAS DA IDENTIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A DISCUSSÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NA TEORIA SOCIOLÓGICA

On the Webs of Identity: Contributions to the Discussion of the Concept of Identity in Sociological Theory

ZANATTA, M. S.

Recebimento: 25/11/2011 - Aceite: 15/12/2011

**RESUMO:** O presente artigo, elaborado através de uma revisão bibliográfica, tem por objetivo realizar uma discussão teórico-conceitual, articulando algumas noções acerca da “construção identitária” a partir das questões relativas às origens e às perspectivas da teoria da identidade. Nesse sentido, o texto apresenta e discute como o conceito de identidade começou a ser investigado na teoria sociológica, sobretudo a partir dos trabalhos centrados na perspectiva interacionista, analisando as contribuições de Anselm Strauss, Erving Goffman, Peter Berger e Thomas Luckmann, objetivando chegar à concepção de identidade social desenvolvida por Claude Dubar. Os autores, acima referidos, compartilham o mesmo ponto de partida em suas construções teóricas acerca do tema identidade, isto é, para eles a identidade é um produto dos processos de socialização; embora cada autor, a seu modo, discorra sobre esses processos enfatizando algumas ideias e articulando conceitos.

**Palavras-chave:** Identidade Social. Teoria Sociológica. Socialização. Interaçionismo.

**ABSTRACT:** This article is a review of literature which aims to conduct a theoretical and conceptual discussion articulating some notions about “identity construction” from the issues related to the origins and perspectives of the theory of identity. In this sense, the text presents and discusses how the concept of identity began to be investigated in sociological theory, especially from the work focused on interactionist perspective, analyzing the contributions of Anselm Strauss, Erving Goffman, Peter Berger and Thomas Luckmann, aiming to reach the conception of social identity developed by Claude Dubar. The authors mentioned above share the same starting point in their theoretical constructions on the subject identity, that is, to them the identity is a product

of socialization processes, although each one, in his own way, talks about these processes emphasizing some ideas and articulating concepts.

**Keywords:** Social Identity. Sociological theory. Socialization. Interactionism.

## Introdução

O presente artigo tem como propósito efetuar uma abordagem do conceito de identidade na teoria sociológica, objetivando propor um debate teórico-conceitual acerca de algumas concepções sobre a “construção identitária” a partir, sobretudo, das questões relativas às origens e às perspectivas da teoria da identidade.

Num primeiro momento, a discussão tem como foco o conceito de identidade e a maneira como este começou a ser abordado a partir dos estudos realizados pela Escola Interacionista. Num segundo momento, passamos da análise das contribuições do Interacionismo Simbólico para a investigação do conceito de identidade sob o olhar da Sociologia, perspectiva que ganha fôlego a partir, principalmente, das décadas de 1980 e 1990.

Desde os primeiros trabalhos centrados na perspectiva interacionista, a identidade é percebida como produto da socialização, isto é, o indivíduo envolve-se em diferentes esferas, todas interligadas, como família e mercado de trabalho, por exemplo, e, a partir do momento em que o indivíduo atua nessas esferas, ele adota os papéis sociais correspondentes a essas instituições. Baseados nessa compreensão, autores como Strauss (1999), Goffman (1985, 1988), Berger e Luckmann (1973), e Dubar (1998 a/b, 2001, 2005) partem, em suas análises, de uma ideia comum, qual seja, a identidade como produto dos processos de socialização, embora cada autor, a seu modo, discorra sobre esses processos, enfatizando algumas ideias e articulando conceitos.

Ao longo do texto, são apresentadas as principais contribuições dos autores acima referidos, enfatizando, em certa medida, os elementos de cada perspectiva que estão em consonância com o conceito de Identidade Social, elaborado por Claude Dubar.<sup>1</sup>

## O conceito de Identidade e sua História: diferentes perspectivas teóricas acerca da Identidade

O tema identidade, segundo Kaufmann (2004), consolidou-se por volta dos anos 60 e, embora tenha começado a desenvolver-se recentemente enquanto objeto de investigação das Ciências Sociais, este conceito está em discussão desde a antiguidade. Evidentemente não se trata do conceito de identidade que está em discussão nos moldes de hoje, mas a Filosofia já há muito tempo vem investigando uma definição para o mesmo. No entanto, segundo Kaufmann, o conceito de identidade é intrínseco à modernidade, porque o indivíduo vivendo na comunidade tradicional, não se via como um indivíduo em particular, sendo assim, não estava ciente dos questionamentos identitários atualmente propostos.

Da mesma forma, Giddens (2002) não só atribui o tema da reflexividade à modernidade, como também o elege como o ponto central em sua teorização. Para o autor, a reflexividade na modernidade estende-se ao núcleo do eu, isto é, o eu é fruto de um processo reflexivo. Diferentemente do que acontecia nas culturas tradicionais, quando as coisas permaneciam no nível da coletividade, e a mudança de identidade era assumida através dos *ritos de passagem*. Na

modernidade, o processo de alteração do eu se dá pelo processo reflexivo, procurando conectar mudanças pessoais e sociais, para servir de subsídio na construção e exploração da identidade.

A concepção de que o surgimento da individualidade e das questões identitárias é uma prerrogativa da modernidade também foi expressa nas análises de Durkheim (1995), uma vez que, em certo sentido, o indivíduo não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era considerada. Para o autor, não foi só com o surgimento das sociedades modernas que o indivíduo se tornou um elemento a ser considerado, mas foi, principalmente, pela diferenciação proporcionada pela divisão do trabalho.

A origem da conceituação sociológica de identidade remonta à tradição da Escola do Interacionismo Simbólico<sup>2</sup> e teve como ponto de partida teórico a obra do filósofo George Herbert Mead, que tinha como um de seus interesses de pesquisa a relação entre a mente, o *self* e a sociedade, o que, aliás, é o título de seu livro mais conhecido.

O Interacionismo Simbólico costuma ser definido como uma linha de pesquisa sociológica e sociopsicológica, segundo Joas (1999), cujo nome foi elaborado por Herbert Blumer no ano de 1938. O enfoque do Interacionismo Simbólico são os processos de interação, isto é, no interacionismo, a ação social é uma ação imediatamente recíproca. Para tanto, a ação, conforme Joas, não obedece a regras fixas, as regras vão sendo estabelecidas à medida que a interação vai ocorrendo, é uma ação negociada. Portanto, as relações sociais fruto do processo de interação não são definitivas, estão subordinadas ao reconhecimento e aceitação por parte dos membros do processo de interação.

A interação social é possível, basicamente, pela linguagem. Nesse sentido,

a importância da linguagem para a interação social é indicada pelo fato de que,

para muitos, comunicação e interação social são virtualmente sinônimos, e pelo fato de que a linguagem é tipicamente vista como o veículo primordial da comunicação humana. A linguagem, na medida em que é social, é um sistema de símbolos significantes (STRYKER; STATHAM, 1985 apud BAZILLI, 1998, p. 36).

Com as pesquisas desenvolvidas pela Escola Interacionista, o processo de interação, como também a aposta na capacidade de os indivíduos fazerem de si mesmos objeto de análise, passaram a ser o centro das discussões. Consequentemente, a discussão sobre a capacidade dos indivíduos de refletir sobre as suas ações também veio à tona.

Apesar de Anthony Giddens não ser um pensador que se filie ao Interacionismo Simbólico, a sua proposta de análise sociológica aproxima-se do interacionismo, quando considera que a consciência reflexiva é característica de toda a ação humana e que as convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelos sujeitos em ação.

Segundo Haguette (1987), na perspectiva do Interacionismo Simbólico, os significados são produtos sociais, criações elaboradas através das atividades humanas em seu processo interativo. Nesse sentido, a sociedade é fruto do processo de produção e interpretação destes significados. A autora também aponta que a obra de Mead<sup>3</sup> foi a que mais contribuiu para a definição e elaboração dos conceitos da perspectiva interacionista. Para Haguette, “ao afirmar que o ser humano possui um *self*, Mead quer enfatizar que, da mesma forma que o indivíduo age socialmente com relação a outras pessoas, ele interage socialmente consigo mesmo” (p. 27). O *self*, portanto, é o engajamento, por parte do indivíduo, em um comportamento auto-reflexivo no processo de interação social.

Seguindo a mesma interpretação da autora, Fontella afirma que

a problemática essencial de Mead reside na investigação das ações interpessoais. Para o estudioso, o indivíduo é um ser sociocultural e cada ato seu é um processo das experiências internas e que, ao mesmo tempo, constitui-se socialmente. Dessa concepção, Mead deriva conceitos bem conhecidos na Sociologia como o de adoção de papéis, o *self* e o *outro generalizado* (2002, p.64).

Em sua obra, Mead (1993) elucida que é por meio da capacidade cognitiva do indivíduo que este expressa sua subjetividade nas relações sociais. Isso ocorre, porque existem no *self*, duas formas distintas e complementares de expressar-se, através do *eu* e do *mim*. Este último representa a atitude adaptativa que temos perante o mundo organizado incorporado à nossa conduta social, ou seja, representa a pessoa que tem consciência de pertencimento a um grupo social e age dentro das normas deste grupo. O *eu*, por sua vez, funciona como processo de representação imaginativa que temos de nós mesmos; pode ser entendido pela figura do sujeito que age e, só depois de ter atuado, toma consciência de sua ação. Isto é, o *eu* age e provoca a reflexão por parte do *mim* que, por sua vez, reage na forma de *eu* novamente. O *eu* representa a consciência espontânea da individualidade. Já o *mim* representa a parte da individualidade que foi configurada ou moldada pela sociedade. Essas duas facetas

constitutivas e dinâmicas do *self* permitem a manifestação consciente da experiência do indivíduo em sociedade, na medida em que, por meio da linguagem gestual e simbólica, essas duas estruturas se inter-relacionam numa conversação entre o *eu* e o *mim*, propiciando um espaço reflexivo que permeia os atos sociais. Ambos são essenciais para a plena expressão do *self* (BAZILLI et al., 1998, p. 69).

Ao processo de interação podemos vincular o processo de reconhecimento. Reconhecimento do outro e reconhecimento de nós mesmos através dos outros. Mead (1993) fala dos *outros significativos*, das pessoas que, com maior frequência, fazem parte da nossa interação, com as quais mantemos relações emocionais mais intensas. E identifica também o *outro generalizado*, definido como o grupo social organizado, ou seja, a sociedade agindo sobre a pessoa. É sob essa forma, do *outro generalizado*, que os processos sociais influenciam na conduta dos indivíduos.

O avanço de Mead com relação ao estudo da ação do indivíduo na sociedade e em suas diversas esferas foi estabelecer que o que possibilita essa interação é a linguagem, a comunicação, que pode ser tanto verbal (fala) quanto gestual. Através da comunicação participamos do outro. Investigando a repercussão da teoria de Mead, Joas (1999) afirma que suas contribuições o promoveram a figura central da Escola de Chicago<sup>4</sup>.

Kaufmann (2004) também reconhece que a influência de Mead sobre o desenvolvimento posterior do Interacionismo Simbólico foi considerável, sobretudo em torno da negociação identitária. O autor aprecia que, a partir disso, uma corrente científica original e inovadora começa a se estruturar pela primeira vez em Sociologia, de forma explícita, em torno da identidade, embora seja um crítico dos autores da Escola de Chicago, por lamentar que, em sua opinião, esses pensadores descartaram a marcação histórica da produção identitária.

Depois de George H. Mead, segundo Haguette (1987), foi Herbert Blumer<sup>5</sup> quem deu continuidade às ideias até então desenvolvidas e proporcionou uma discussão sobre a natureza da interação simbólica. Para Blumer, ainda segundo Haguette, a perspectiva interacionista pode ser definida a partir de três premissas básicas. Primeiro, que o ser

humano age com relação às coisas na base dos sentidos que elas têm para ele. Segundo, o sentido destas coisas surge da interação social que se estabelece com as outras pessoas. E, por último, que os sentidos são apreendidos e modificados através da interpretação da pessoa ao entrar em contato com as coisas.

Com base nessas informações, apontamos que a partir da consolidação desta perspectiva teórica, surge uma das conexões da Sociologia com a Psicologia Social no que se refere à pesquisa sobre identidades vinculadas a grupos. A interiorização do processo de interação pressupõe uma identificação com a representação simbólica que a vivência em distintos espaços sociais proporciona. Nesse sentido, pensamos que a Microsociologia, a partir do Interacionismo Simbólico, representa uma contribuição decisiva, na medida em que é impossível compreender verdadeiramente a sociedade sem penetrar nas suas dobras mais fundas. Importante ressaltar que mesmo acreditando que o interacionismo, por estreitar demais o foco de observação, relegue os quadros de socialização e reduza as interações a negociações subjetivas, reconhecemos aqui que, levar em conta os papéis sociais, postura assumida pela perspectiva interacionista, põe em evidência as articulações entre a interioridade do indivíduo e as exterioridades sociais que ele encontra.

Essa nova forma de olhar a relação indivíduo/ sociedade estrutura-se a partir do desenvolvimento da ideia de que a identidade é um produto da socialização. A partir do momento em que o indivíduo participa de diferentes esferas, ele passa a adotar os papéis que representam essas instituições. Autores como Strauss (1999), Goffman (1985, 1988), Berger e Luckmann (1973), e Dubar (1998 a/b, 2001, 2005) partem dessa mesma noção: identidade como produto dos processos de socialização. No entanto, cada autor, a seu modo, discorre sobre esse processo, enfatizando algumas ideias e articulando conceitos.

Salientamos, contudo, que os autores citados acima afastam-se de uma abordagem que reduz a socialização a uma forma única de integração social ou cultural, unificada e assentada em um condicionamento inconsciente.

Nas décadas de 1980 e 1990, a Sociologia da Identidade ganha fôlego por meio da publicação de várias obras de autores franceses, em especial de Renauld Sainsaulieu e Claude Dubar. Com a finalidade de chegar ao conceito de identidade social, desenvolvido por Claude Dubar e, com o intuito de apresentar as principais ideias e conceitos elaborados por pensadores que se ocuparam do processo de interação face a face para destacar as implicações dessa interação em particular no processo de construção identitária, abordamos aqui as principais ideias de Anselm Strauss e Erving Goffman.

### **Interação Face a Face: o desempenho de papéis e a Negociação Identitária**

Na obra *Espelhos e Máscaras*, Anselm Strauss resalta a ideia da impossibilidade de entender as identidades individuais sem compreender a atividade coletiva, sem investigar as esferas de ação nas quais os indivíduos estão inseridos, o que pode ser ilustrado pela seguinte passagem:

As interações acontecem entre indivíduos, mas os indivíduos também representam – em termos sociológicos - coletividades diferentes e, muitas vezes, múltiplas que se estão expressando por meio das interações. É claro que as interações entre as coletividades envolvem igualmente atores representativos, como, por exemplo, diplomatas ou soldados em batalha. Por conseguinte, a estrutura social e a interação estão intimamente associadas, e também afetam reciprocamente uma a outra (novamente) no

tempo. Trata-se de uma concepção temporal não só da interação, mas também da própria estrutura, sendo esta última moldada pelos atores por meio da interação (1999, p. 27).

Para o autor, investigar sobre o processo de interação é considerar que o presente, o passado e o futuro são constantemente submetidos a um processo de autoavaliação, e que o instrumento usado pelos indivíduos, nesse processo, é a linguagem. Nesse sentido, o autor retoma a ideia já trazida por outros autores, em especial por Mead, do *self* como objeto de exame do próprio indivíduo. No processo de autoavaliação, o *self* se torna o próprio objeto da reflexão; o indivíduo é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto.

Na análise da interação que se dá face a face, considerada numa perspectiva microsocial, Strauss busca revelar o que está no nível macrosocial. Nesse processo de interação, o autor aponta que é importante identificarmos a situação na qual nos encontramos, assim como é importante conhecer as identidades do *self* e do outro para, depois de identificada a situação, saber qual “eu” estamos assumindo. Em situações problemáticas, situações com as quais não nos identificamos, de certa forma não tão convencionais, o indivíduo precisa não só identificar o outro naquele momento, mas também identificar o seu *self* naquele instante, ou seja, reconhecer-se na relação com o outro. Portanto, Strauss deixa claro que, além de ser necessário estudar a identidade a partir do processo de interação, as identidades são situacionais.

Seguindo a mesma perspectiva de Strauss, Goffman (1985) define interação como um encontro no qual os atores, ou seja, os sujeitos da interação desempenham um papel. A noção de desempenho, também chamado por Goffman (1985) de fachada, é importante, uma vez que, para o autor, sempre que um ator assume um papel social estabelecido (ex:

pai, mãe, funcionário de uma empresa, etc.), assume, ao mesmo tempo, uma determinada fachada. A fachada, portanto, tem caráter abstrato e de generalidade. Podemos dizer que o personagem, enquanto representa um papel social, representa uma identidade coletiva a ele associada, construída e mediada através das relações sociais.

Strauss (1999), apesar de se referir à interação mais imediata e cotidiana, considera que o processo biográfico dos atores influencia no momento da interação. Para o autor, a situação interacional não é apenas uma interação entre duas pessoas; devemos considerar também os atores invisíveis, como fica claro na passagem abaixo:

Esses atores suplementares representarão um amplo espectro de relacionamentos: parentes, amigos, professores etc. Alguns serão pessoas que morreram há muito tempo, ou que emergiram do passado do ator. Muitos representarão os grupos a que o ator pertence e esperarão dele gestos apropriados durante a interação (p.72).

Numa perspectiva sociológica, segundo Strauss, estudar o processo de interação é dar mais atenção às pessoas como membros de grupos e organizações sociais, ainda que seja uma filiação sutil. Nesse sentido, as pessoas se tornam mais “desempenhadores” de papéis do que indivíduos. Ressaltamos, portanto, que o olhar sociológico preocupa-se mais com o resultado, o produto da interação, do que com a interação como um processo detalhado.

Para Strauss, à medida que o sociólogo se interessa pelas questões identitárias, automaticamente ele deve interessar-se pelas mudanças da vida adulta, pelas transformações da identidade, porque, conforme o autor, é possível descrever – pelo menos teoricamente – as vidas de homens e mulheres como uma série de passagens de *status*, sendo o

*status* o lugar ocupado pelos indivíduos, uma identidade temporária ao longo do processo de interação. As identidades, portanto, são continuamente perdidas e reconquistadas, as passagens de *status* ou, o permanecer em um *status*, dão as condições para o desenvolvimento da identidade.

Goffman compartilha com Strauss o olhar sociológico sobre o processo de interação. Segundo Lallement (2004), Goffman é um analista da dramaturgia cotidiana. Ele toma emprestado o modelo teatral para dissecar a lógica das representações de papéis que estruturam as mais banais das interações, isso porque Goffman acredita que nas microrrelações existe uma ordem social. O autor também salienta que,

para Goffman, estar integrado na ordem social significa com efeito assumir papéis (sem jamais deixar-se fechar inteiramente nos papéis representados) e se portar na vida como se representasse um papel num teatro (p.304).

Para Goffman (1985), o conceito de papel social é entendido como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, mas este papel pode ser representado e reivindicado pelo ator numa série de outras situações, o que caracterizaria um agir estratégico. Em suma, para o autor, uma pessoa pode fazer uso de um papel social específico, dependendo do cenário em que se encontra. A identidade, portanto, é contextual, dependendo da situação e dos atores envolvidos.

Visto isso, podemos afirmar que, para o autor, toda interação é representação. Desta forma, os conceitos de interação e representação, no pensamento de Goffman, se fundem. Representação, assim como interação,

é toda a atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e, que exerça sobre estes algum tipo de influência (1985, p.29).

Isso porque, segundo Goffman (1988), as sociedades estabelecem naturalmente meios pelos quais as pessoas são categorizadas. Com base nas informações sociais, criamos uma série de expectativas normativas relacionadas ao indivíduo e que estão ligadas ao papel que o mesmo desempenha ou vai desempenhar, criando, assim, categorias de padrões e comportamentos atribuídos e assumidos. Tais categorias oferecem aos demais a *identidade social* das pessoas. Sendo assim, quando nos encontramos nos espaços públicos, por exemplo, procuramos nos orientar diante dos demais e, mesmo que não tenhamos a menor consciência disto, lançamos sobre os outros as expectativas normativas que correspondem às categorias sociais das quais partimos.

Desse movimento, segundo Goffman (1988), surgem duas vertentes da identidade social: *identidade social virtual*, quando atribuímos aos outros uma categorização, e uma *identidade social real*, que se refere à categoria e aos atributos que o indivíduo possui na realidade. Portanto, cada indivíduo acaba tendo que articular esses dois processos: a identidade que lhe é atribuída, *virtual* e a identidade com a qual se identifica, *real*.

Visto isso, podemos pensar que para Strauss e Goffman a sociedade é uma estrutura em processo, ou seja, a ordem social nunca é determinada de antemão, mas antes é fruto da negociação no processo de interação. Por fim, é importante salientar que Goffman chama atenção para o fato de que as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas à ruptura, assim como para Strauss, no processo de interação, a identidade das pessoas precisa ser constantemente reafirmada.

Entretanto, Strauss e Goffman discordam sobre a função que exerce a história na formação das identidades. Este último refere-se a um ator situado no presente, não negando o passado, mas desconsiderando-o

para compreender a ação em uma interação específica, uma vez que seu objetivo é investigar as técnicas que as pessoas empregam ao longo do processo de interação, conforme suas intenções.

Já Strauss, uma vez que tem em mente que não podemos desconsiderar a influência da organização social sobre o comportamento individual e a estrutura individual, defende a tese de que a identidade pessoal está interligada com a identidade de grupo que, por sua vez, repousa num passado histórico.

Essa divergência tende a considerar que os autores também teriam concepções diferentes a respeito da estrutura social. No entanto, essa impressão pode ser falseada, se considerarmos que, para Goffman (1970), à medida que, na interação face a face, permitimos que predomine a linha de ação seguida por cada participante, ou seja, uma situação em que todos aceitam a linha de ação escolhida pelos demais e permitimos que cada um represente o papel que parece ter escolhido, configuramos uma situação de aceitação mútua. Conforme o autor, este tipo de aceitação mútua é uma característica estrutural básica da interação. Goffman (1970) entende também que esse tipo de situação moldada pela aceitação mútua é uma espécie de aceitação funcional, necessária para o desenrolar da interação, uma vez que os participantes aceitam ou, no mínimo, possuem uma disposição para aceitar as diferentes linhas de ação, embora possam não concordar com elas.

O modo como Strauss e Goffman interpretam o conceito de estrutura social deriva de sua filiação à perspectiva interacionista. Podemos, seguramente, fazer essa correspondência, porque o interacionismo, segundo Blumer (1980), tem como premissa básica que os grupos ou sociedades humanas *existem em ação* e devem ser considerados relativamente à ação.

Conforme as teorizações expostas, a identidade é situacional, alimentada pelo

processo de interação das relações cotidianas e reafirmada conforme o contexto social, conforme a definição de situação, para usar a terminologia de Strauss e Goffman.

Em consonância com o tema, toma-se a abordagem antropológica de Gilberto Velho:

[...] não estamos lidando apenas com contextos sociais diferentes, mas com distintos planos e níveis de realidade socialmente construídos. Parece-me que esta percepção é fundamental para uma teoria da cultura mais sofisticada. Faz parte da competência normal de um agente social mover-se entre províncias de significado e ser capaz de passar, por exemplo, do mundo do trabalho para o reino do sagrado. Mas as fronteiras entre essas províncias podem ser mais tênues ou singelas e os trânsitos menos solenes e pomposos. Essa permanente latência implica o que poderíamos chamar de *potencial de metamorfose*, distribuído desigualmente por toda a sociedade. O repertório de papéis sociais não só não está situado em um único plano, mas sua própria existência está condicionada a essas múltiplas realidades (1994, p.29).

Ou seja, para o autor, a diversidade de contextos nos quais os indivíduos transitam produz situações em que estes precisam alterar não só as suas atividades no mundo prático, como também sua própria auto-representação.

## **Identidade como produto dos processos de socialização**

Todos os processos de socialização se realizam na interação face a face com outras pessoas. No entanto, as modificações e a forma como a interação ocorre no cotidiano, a partir de um enfoque micro, estão ligadas, de certa maneira, às estruturas complexas de um enfoque macro.

No Interacionismo Simbólico, socialização é um termo usado para referir os processos por meio dos quais os indivíduos não só iniciam sua participação em determinados grupos, mas também administram sua atuação nos mesmos. A socialização é vista como um processo contínuo, que ocorre ao longo da vida, considerando que a interação é, em si mesma, socialização, embora nos primeiros anos de vida tenha um significado particular, como foi destacado por Berger e Luckmann (1973).

Visto isso, temos que o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade é designado pelo nome de socialização. A definição e caracterização desse processo foram desenvolvidas, dentro da perspectiva interacionista, nos estudos de Berger e Luckmann. Segundo eles, socialização é “a ampla e consciente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou setor dela” (p.175). Este processo de socialização, embora contínuo, pode ser percebido em dois momentos distintos.

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade (p.175).

Acreditamos que o mérito da contribuição de Berger e Luckmann reside na ideia de que o processo de socialização extrapola a função de reprodução social via imposição da identificação entre sujeito e sociedade e abre espaço para a transformação e inovação.

## **Identidade Social: a perspectiva relacional de Claude Dubar**

Segundo Dubar (2001), a tradição sociológica do Interacionismo Simbólico abordou

a questão das identidades de uma maneira que permitiu romper com uma concepção, em certa medida, estática e determinista das identidades sociais. Isso porque as transformações que afetam a sociedade contemporânea precisam ser consideradas e se deve, sobretudo, considerar a maneira como os sujeitos vivenciam e expressam essas transformações. “Na medida em que as categorias oficiais já não servem, convém entrar no campo da análise das interações cotidianas, partindo de categorias produzidas pelos indivíduos e não apenas de categorias produzidas pelas instituições” (p.156).

Por conseguinte, para o autor, é através da compreensão e da análise dos mundos construídos mentalmente pelos indivíduos a partir de sua experiência social que o sociólogo busca identificar os modelos sociais de identificação, aproximando-se, assim, das *identidades típicas pertinentes a um campo social específico*.

Dubar (2001, 2005) também aponta que para chegar às formas identitárias é preciso iniciar a aproximação através das *representações ativas*, isto é, dos indicadores que estruturam o discurso dos indivíduos sobre suas práticas sociais *especializadas*, sobre a aquisição de um saber legítimo que possibilita a afirmação de uma identidade reconhecida. Segundo o autor, as *representações ativas* podem ser apreendidas através das seguintes dimensões:

- da relação do indivíduo com aquilo que está diretamente implicado em sua vida cotidiana, por exemplo: os sistemas e instituições, com aquilo que aciona no indivíduo sua identidade virtual reivindicada e sua identidade realmente reconhecida;
- da relação com o futuro, o que resulta nas orientações estratégicas tanto para a ação como para as oportunidades e na interiorização da trajetória vivida;

- da relação com a linguagem, ou seja, com as categorias utilizadas para descrever tanto uma situação vivida, como obrigações e projetos pessoais.

A proposta de Dubar (2005) é articular os dois processos considerados autônomos, denominados por Goffman de “identidade social virtual” e “identidade social real”. Ao primeiro correspondem os atos de atribuição (que tipo de homem ou mulher você é/ dizem que você é: identidade para o outro). Ao segundo os atos de pertencimento (que tipo de homem ou mulher você quer ser/ você diz que você é: identidade para si). O primeiro processo resulta no que Goffman nomeou de rotulagem, uma vez que concerne à atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes que estão em interação com os indivíduos. É na e pela relação com os outros que se desenvolve o processo de rotulagem. Para apreendermos a “identidade social virtual”, segundo o autor, devemos analisar o interior dos sistemas de ação em que o indivíduo está envolvido.

O segundo processo preocupa-se com o aceite da identidade pelos próprios indivíduos. É a interiorização ativa da identidade, processo que só pode ser analisado no interior das trajetórias sociais através, sobretudo, da aceitação subjetiva propiciada pelo grupo de referência das pessoas mais próximas ao sujeito, que estão ligadas de forma afetiva e não institucional - nas palavras de Mead, os outros significativos.

A identidade social, portanto, é fruto da articulação dos dois processos apresentados acima, respectivamente: relacional e biográfico. O processo biográfico é a construção no tempo, pelos indivíduos, de identidades sociais e profissionais a partir das categorias oferecidas pelas instituições sucessivas (família, escola, mercado de trabalho, empresa...) [...] o processo relacional concerne ao reconhecimento, em um momento dado e no

interior de um espaço determinado de legitimação, das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação (DUBAR, 2005, p. 156).

O processo biográfico é subjetivo e pode ser apreendido pelo conteúdo e pelo modo como o sujeito relata sua trajetória de vida, pela forma como o sujeito relaciona presente, passado e futuro, como ele percorre o caminho da *identidade herdada* à *identidade visada*. O processo relacional parte da transação objetiva, é o caminho da *atribuição* de uma identidade à sua *incorporação*. É o reconhecimento da rotulagem proveniente das instituições, do modo como o sujeito é identificado, enquanto o processo biográfico é a deliberação subjetiva sobre a rotulagem, a autoidentificação.

Assim, a identidade, tanto a atribuída quanto a adquirida pelo sentimento de pertencimento, é assimilada no processo de interação. Cada pessoa é identificada por outra no interior das esferas de que participa. Os papéis, como resultado da rotulagem, representam as instituições. No entanto, ocorre ao mesmo tempo um processo subjetivo que, para Dubar (2005), é o que possibilita falarmos de uma negociação identitária para a construção de identidades sociais.

Embora o autor especifique que a identidade é fruto dos processos de articulação entre processo biográfico (identidade para si) e relacional (identidade para o outro), ele não exclui o recurso aos sistemas de tipificação, uma vez que a teoria dos papéis é plenamente compatível com a hipótese de dispersão das identidades subjetivas (para si) de acordo com as cenas sociais em que o indivíduo introduz-se sucessivamente. Esse posicionamento pode ser expresso pela seguinte passagem:

Essas categorias particulares que servem para identificar os outros e para se auto-

identificar são variáveis tanto de acordo com os espaços sociais onde se exercem as interações como de acordo com as temporalidades biográficas e históricas em que se desenrolam as trajetórias (2005, p.144).

O autor está em sintonia com Berger e Luckmann, quando estes desenvolvem a ideia de que a tipificação do cotidiano serve de base para a interação com o outro. Dessa maneira, podemos assimilar o outro, como

“um homem”, “um europeu”, “um comprador”, “um sujeito alegre” e assim por diante [...] As tipificações do outro são tão suscetíveis à minha influência quanto às minhas em relação às dele. Em outras palavras, na situação face a face, os dois esquemas tipificadores iniciam uma “negociação” contínua (1980, p. 104).

Entretanto, apesar da tipificação, Dubar afirma que não devemos renunciar a uma noção de identidade social, uma vez que a tipificação, ao influenciar no processo de construção da identidade, não atua de forma mecânica ou fixa, este é um processo de negociação que se dá a todo o momento.

Desta forma, para orientar a investigação sobre os processos identitários, Dubar ensina que

[...] os indivíduos devem reconstruir suas identidades sociais reais a partir: 1) das identidades sociais herdadas da geração anterior [...]; 2) das identidades virtuais (escolares...), adquiridas durante a socialização inicial “primária”; 3) das identidades possíveis: (profissionais...), acessíveis no decorrer da socialização “secundária” (2005, p.145).

Esses processos reais de identificação dos indivíduos entre si e para si próprios devem ser captados a partir da maneira como os sujeitos utilizam, pervertem, aceitam ou recusam as categorias oficiais, a tipificação.

Claude Dubar está ciente da importância de não reduzir as identidades sociais a *status* de emprego e a níveis de formação, porque, é evidente que, antes mesmo de se identificar pessoalmente com um grupo profissional ou com um tipo de formação, o indivíduo, já na infância, herda uma identidade sexual, uma identidade étnica e uma identidade de classe social, que são as de seus pais ou de quem tem a incumbência de educá-lo. O elemento essencial, portanto, do que o autor nomeou de transação objetiva, é essa possibilidade de poder jogar com diferentes espaços de socialização e, dessa forma, negociar seus investimentos e administrar seus pertencimentos. Nesse processo, os parceiros dessa transação são, com efeito, múltiplos: o grupo dos pares no interior da seção, do escritório ou da equipe de trabalho, o superior hierárquico ou outros responsáveis pela empresa, o dirigente sindical ou o representante local, o formador, o mediador do universo e da formação, o cônjuge e o universo da família.

## Considerações finais

Ao longo deste texto incorporamos a perspectiva de que a identidade, através da análise sociológica, é um processo dinâmico e relacional que considera a interação dos indivíduos nas diversas esferas de ação e que deve ser vinculada às trajetórias sociais nas quais os indivíduos constroem a sua identidade. Sugerimos, assim, que o caráter processual da construção da identidade pode ser apreendido através da forma como os indivíduos aceitam ou recusam a tipificação proveniente da participação nas esferas de ação.

Por estarmos cientes de que o conceito de identidade perpassa diferentes áreas do conhecimento e inúmeras perspectivas de análise, enfatizamos que nosso ponto de vista, no que se refere ao estudo da identidade,

está marcado pelo pressuposto da união da dimensão pessoal (individual) e social (coletiva), englobando, portanto, o individual e o coletivo, a identidade “para si” e a identidade “para o outro”. A identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá, conforme Dubar (2005), ser (re)construída.

No entanto, não estamos afirmando que a identidade, para o autor, seja contextual e situacional, na forma como foi descrita, respectivamente, por Goffman e Strauss. Mas antes, queremos enfatizar que o conceito de identidade social é perpassado pela concepção de identidade como produto dos processos de socialização. E, nesse sentido, a conexão entre os conceitos do Interacionismo Simbólico e a visão de mundo dos atores sociais, vivenciada pelas suas experiências, mapeia uma linha de ação à luz de uma interpretação em que os atores procuram dar significados aos fatos constatados em sua realidade. Essa linha de ação consiste em considerar como as pessoas significam suas experiências, em vista disso, para Dubar (2005), a identidade é social, porque é fruto da articulação das nossas respostas de como percebemos, sentimos, vivenciamos e aceitamos a sociedade a nossa volta.

Por fim, é preciso destacar que a identidade nunca se apresenta como dada, mas

construída nas determinações históricas demandadas pela sociedade. Nessa acepção, portanto, a compreensão das identidades passa, necessariamente, pela compreensão das contradições internas à estrutura social, pelo entendimento dos processos de mudança e/ou manutenção das normas, papéis e regras reproduzidos por tradição, de geração a geração. Não existe uma forma identitária única. A identidade que Dubar (2005) chama de “relacional” não se faz isoladamente, necessita de experiências relacionais que constituam ao mesmo tempo oportunidades e provações. Com isso, tornamo-nos conscientes de que a identidade social não é tão sólida quanto imaginávamos, de que ela não é a mesma para toda a vida, de que ela é negociável e revogável e as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age, os mundos sociais aos quais pertence são fatores cruciais para o processo de construção identitária.

O que procuramos fazer neste artigo foi, desta forma, esboçar a possibilidade de uma abordagem sociológica do conceito de identidade à luz da perspectiva relacional de Claude Dubar. Através da articulação dos autores trabalhados pensamos ter em mãos um modelo de análise para a investigação acerca desta temática.

## NOTAS

<sup>1</sup> O primeiro resultado desta reflexão foi produzido para compor a dissertação de mestrado da autora, realizada no programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)- Brasil, intitulada: *As identidades possíveis na articulação entre família e trabalho*: um estudo a partir de casais colegas de trabalho. Assim, o que é apresentado aqui é uma parte reelaborada dessa discussão. Para acesso online: [http://sabi.ufrgs.br/F/UI46A57VXILRT8ARVVB3P7DCMCB-4TPMNBR8769M5ECJBY8BIT3-31192?func=short-refine-exec&set\\_number=031867&request\\_op=AND&find\\_code=WAU&request=mariana+scussel+zanatta&x=44&y=12](http://sabi.ufrgs.br/F/UI46A57VXILRT8ARVVB3P7DCMCB-4TPMNBR8769M5ECJBY8BIT3-31192?func=short-refine-exec&set_number=031867&request_op=AND&find_code=WAU&request=mariana+scussel+zanatta&x=44&y=12)

<sup>2</sup> O Interacionismo Simbólico e a Escola Interacionista podem ser compreendidos a partir da definição do que são as Teorias Interacionistas. Estas fazem parte das Teorias Sociológicas que têm como objetivo principal explicar o comportamento humano, a estrutura e a organização social. Para os interacionistas,

a explicação da realidade social deve ter origem na investigação da ação dos indivíduos no seu dia-a-dia. O foco de investigação, portanto, são as micro-relações dos indivíduos. Tem-se como premissa que ao analisar uma interação deve-se buscar as condições particulares em que ela ocorreu. As macro ou grandes estruturas da sociedade - o Estado, a economia, a estratificação e demais elementos que compõem a estrutura social- são construídos e sustentados por essas microinterações; assim, para os interacionistas seria impossível entender o mundo social sem investigar o que acontece no cotidiano dos atores. Essa forma de investigação caracteriza a Microsociologia. Desta forma, o Interacionismo Simbólico é contrário às tendências que tomam a estrutura e a cultura como exteriores aos atores sociais, tratando-os como sujeitos que apenas reproduzem as regras e a estrutura social. O Interacionismo vê o comportamento humano como o resultado de vasto processo interpretativo em que as pessoas, de forma isolada ou coletiva, conduzem a si mesmas pela definição das situações por elas vivenciadas.

<sup>3</sup> MEAD, George Herbert. *Mind, Self and Society*. Chicago, University of Chicago Press, 1934

<sup>4</sup> A Escola de Chicago é uma linha de pensamento que nasceu de um conjunto de investigações realizadas entre 1915 e 1940 por professores e estudantes de Sociologia da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. Esses estudos se caracterizam pela pesquisa empírica em escala mais reduzida, o que é chamado de Microsociologia. Tratavam de temas, como a imigração e a assimilação dos imigrantes pela sociedade, as relações étnicas, a criminalidade, etc. É preciso recordar que, no início do século XX, as grandes cidades dos EUA recebiam uma imensa massa de imigrantes. A associação ao Interacionismo Simbólico deriva da ideia de que o estudo das áreas urbanas, dos grupos sociais e da ocupação espacial estão em relação com as identidades construídas através da percepção que o indivíduo tem de si próprio e da sua percepção da imagem que os outros têm de si. É o caso do trabalho de George Herbert Mead.

<sup>5</sup> BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism Perspective and Method*. Califórnia, Prentice-Hall, Inc/ Englewood Cliffs, New Jersey, 1969.

## AUTOR

Mariana Scussel Zanatta - Socióloga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Sociologia pelo PPGS/UFRGS. Bacharel em Ciências Sociais – UFSM. E-mail: manazanatta@yahoo.com.br

## REFERÊNCIAS

BAZILLI, Chirley et al. **Interacionismo simbólico e teoria dos papéis**: uma aproximação para a psicologia social. São Paulo: EDUC, 1998.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTESEN, C. David. **Teoria da Comunicação**. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119-138.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.19, n.62, p.13-30, abr. 1998a.

- \_\_\_\_\_. A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.19, n. 64, p. 87-103, set. 1998b.
- \_\_\_\_\_. Identidade profissional em tempos de bricolage: Entrevista. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, ano 6, n 9. p. 152-156, 1º sem. 2001.
- \_\_\_\_\_. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FONTELA, Odil Matheus. Ocupações web: a construção de identidades profissionais em cenários recentes de trabalho. 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.
- \_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HAGUETTE, Maria Teresa Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JOAS, H. Interacionismo Simbólico. In: GIDDENS, A.; e TURNER, J. (Orgs.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1999. p.127-174.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si**: Uma teoria da Identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- LALLEMENT, Michel. **História das Ideias Sociológicas**: de Parsons aos contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MEAD, George H. **Espíritu, Persona y sociedad**. (Mind, Self. And Society). México: Paydós, 1993.
- STRAUSS, Anselm. **Espelhos e Máscaras**: A busca da identidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.